**Alunos:** Alisson Peloso e Eduardo Folle Miotto

O capítulo 2 JUSTIÇA, IMPRENSA E DIPLOMACIA: ENTRE O BRASIL E A ALEMANHA da tese de doutorado FRONTEIRAS DE UMA GUERRA: IMIGRAÇÃO, DIPLOMACIA E POLÍTICA INTERNACIONAL EM MEIO AO MOVIMENTO SOCIAL DO CONTESTADO 1907-1918 de Viviani Poyer trata sobre o caso Kullak, um incidente envolvendo a explosão de um trecho da estrada de ferro do Ramal São Francisco.

O capítulo começa dando contexto sobre o desenvolvimento de malhas férreas no sul do brasil nos anos 1900, onde estudos foram começados em 1888 com o engenheiro João Teixeira Soares que se juntou a banqueiros europeus para criar uma companhia responsável por ligar o traçado da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande, que posteriormente foi comprada por Percival Farquhar dono da Brazil Railway Company. Devido à tecnicalidades do contrato da construção, a empresa priorizou estender o percurso da ferrovia o máximo possível, e juntamente com falta de recursos e mão-de-obra, tornou-se comum o atraso à indenização aos proprietários que tinham suas terras cortadas pela estrada, um deles: George Ernest Kullak, imigrante alemão. O imigrante pediu o alto valor de 7 contos de réis como indenização de suas terras, o qual foi negado pelo valor absurdo. Após, reduziu a solicitação para 4,5 contos de réis por toda a propriedade, também negado. Ao fim, acordou o valor de 200 mil réis com a companhia. Com a construção sendo concluída e o pagamento ainda não recebido, Kullak enviou em 10 e 21 de julho cartas ameaçando explodir os trilhos em defesa de sua propriedade caso não fosse indenizado até dia 22. Dito e feito, a explosão ocorreu na virada do dia 22 para o dia 23 durante a madrugada, Kullak foi preso pela manhã.

Após a prisão de Kullak, por ameaçar destruir o trecho férreo, e acusação de dois de seus conhecidos: Max Stein e Fritz Gastran, o caso deslanchou. A imprensa impulsionou o episódio com jornais como *Kolonie Zeitung* e *Joinvillenser Zeitung*, publicados na língua alemã, devido a vários procedimentos incorretos feitos pelos oficiais, como a negação do habeas corpus, afirmação de prisão em flagrante, consideração da explosão como dois crimes e não apenas um. Neste momento já começa a se destacar certos aspectos de relevância nesse caso, visto a dupla cidadania de Kullak, ele buscou ajuda no consulado alemão para agir em sua defesa, algo o qual os imigrantes normalmente recorriam quando a jurisdição brasileira não lhes favorecia. Após um mês detido, Kullak foi solto a partir do pagamento de uma fiança imposta pelo juiz que, a princípio, o crime cometido não permitiria e, para completar, Max e Gastran foram absolvidos das acusações de co-autoria. No dia 10 de setembro, ocorreu outro julgamento com 48 jurados “sorteados”. O júri foi formado majoritariamente de imigrantes alemães que ficaram unanimemente favoráveis a Kullak. Nesse ponto, o texto aborda o senso de comunidade e de ajuda entre os colonos, evidenciado também nos pagamentos das duas fianças realizadas por comerciantes de Joinville.

Ernest Kullak, enfim livre, foi em busca de justiça contra os maus tratos que afirma ter sofrido, contatando políticos alemães para tentar levar seu caso ao parlamento. No mesmo momento, o jornal *Berliner Tageblatt* publicava o caso com informações polêmicas, sem consultar o consulado brasileiro. Tudo indica que o jornal tinha a intenção de prejudicar a relação de migração entre os dois países. O Brasil demorou um mês para se pronunciar, mas informações publicadas pelo *Berliner Tageblatt* foram desmentidas.

No dia 12 de março de 1908 é publicado um texto no jornal *Kolonie Zeitung*, trazendo mais informações sobre o caso Kullak. O plano de Kullak havia dado certo, o imigrante foi absolvido em seu segundo julgamento diante do Superior Tribunal de Justiça do Estado. Vários outros jornais aproveitaram a onda do caso e movimentaram a imprensa, mas a maioria dos jornais na língua alemã em Santa Catarina eram contra as ações de Kullak. Com todos esses acontecimentos, as relações migratórias entre Brasil e Alemanha corriam sérios riscos, a imagem do Brasil perante os alemães ficou manchada e, provavelmente, fez diversos interessados em vir ao Brasil pensarem duas vezes.

Após um tempo, quando o caso Kullak havia esfriado, um grande evento ocorreu: 400 pessoas se reuniram para receber o professor de língua alemã chamado Klockau. Ele vinha da Europa a bordo do vapor "Halle" após levar as “falsas informações contra o Brasil e os brasileiros” à Alemanha. A multidão tinha o objetivo de impedir o desembarque de Klockau, já que sabiam de seus feitos em espalhar a palavra de Kullak. O caso não teve muita repercussão, mas se algo mais grave tivesse acontecido, as relações entre Brasil e Alemanha poderiam ter piorado ainda mais.

No dia 25 de novembro de 1908, após 4 meses da sua viagem à Europa, chegaram a bordo do vapor Itapemirim, no porto de São Francisco, Ernest Kullak e seu colega Max Stein. Ao serem reconhecidos uma multidão os cercou, os forçando a saudar a bandeira brasileira. A multidão os perseguiu e fez com que levantasse uma bandeira nacional, como forma de punição por terem manchado a imagem do Brasil. Esse episódio gerou problemas em uma versão contada por Kullak, na qual homens negros os assediaram na chegada do porto de Joinville e os seguiram até a entrada do clube, os obrigaram a gritar “Viva o Brasil” e enfiaram uma das pontas da bandeira na boca de Stein. Além disso, Kullak tentou envolver o filho do vice-governador da província de Santa Catarina, o qual foi defendido por seu pai, Abdon Baptista, alegando que algo assim nunca teria sido liderado por seu filho. Ao fim, por se tratar de um inquérito defeituoso e sem provas concretas, o caso foi arquivado.

Mesmo assim, o governo brasilerio ainda lutava para resolver a questão Kullak. Esclarecimentos sobre o caso foram solicitados pela Alemanha, isso forçou que Rio Branco elaborasse uma extensa resposta narrando todos os fatos ocorridos na longa história de Kullak. O relato foi dividido em 3 fases, explicando de forma detalhada todo o ocorrido. Por fim, o Barão Rio Branco indagou que Kullak e Stein vinham se comportando mal, causando problemas e reprovação até dos próprios colonos que viviam na região.

A autora Viviani Poyer finaliza o capítulo acentuando que o caso provavelmente teria sido diferente se tivesse acontecido com um brasileiro e não um imigrante alemão. Pela situação delicada entre o Brasil e a Alemanha, já vindo de outros casos, gerou uma tendência a aliviar a situação de Kullak para não causar mais problemas. Destaca também a falta de informações sobre Kullak após o ocorrido, faltando até mesmo atestado de óbito, levando a crer uma volta do imigrante à Europa.